 <https://doi.org/10.31977/grirfi.v24i2.4816>


Recebido: 04/04/2024 | Aprovado: 23/06/2024

Received: 04/04/2024 | Approved: 06/23/2024

UMA APRESENTAÇÃO CRÍTICA DA VISÃO DE THOMAS NAGEL SOBRE O PROBLEMA MENTE-CORPO

Andre Renan Batistella Noara¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

 <https://orcid.org/0000-0003-1119-3795>

E-mail: andre_noara@hotmail.com

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo apresentar a proposta teórica de Thomas Nagel (1937-) acerca do problema mente-corpo, bem como tecer algumas críticas a sua teoria. Para tanto, analisaremos, em um primeiro momento, os trabalhos de Nagel que se mostram fundamentais à discussão, nos quais aparecem os argumentos que estruturam sua proposta. Em um segundo momento, durante a última seção do estudo, observaremos algumas críticas que podem ser tecidas à visão sustentada pelo autor, mais especificamente sobre os argumentos que visam sustentar a existência de uma *conexão psicofísica* e a possibilidade de ser desenvolvida uma *fenomenologia objetiva* capaz de explicar a subjetividade.

PALAVRAS – CHAVE: Fenomenologia; Cérebro; Mente; Conexão; Subjetividade.

A CRITICAL PRESENTATION OF THOMAS NAGEL'S VIEW ON THE MIND-BODY PROBLEM

ABSTRACT:

The present study aims to present Thomas Nagel's (1937-) theoretical proposal regarding the mind-body problem, as well as to offer some criticisms of his theory. For this purpose, we will analyze, initially, Nagel's works that are fundamental to the discussion, where the arguments that structure his proposal appear. In a second moment, during the final section of the study, we will observe some criticisms that can be made of the author's view, more specifically regarding the arguments that aim to support the existence of a *psychophysical connection* and the possibility of developing an *objective phenomenology* capable of explaining subjectivity.

KEYWORDS: Phenomenology; Brain; Mind; Connection; Subjectivity.

¹ Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil.

Introdução

Muitas propostas de solução para o problema mente-corpo já foram desenvolvidas pelos filósofos da mente. Contudo, até o momento, não há consenso sobre proposta alguma. O que parece dificultar o desenvolvimento de uma teoria que torne inteligível a relação mente-corpo é a subjetividade. Nós, seres humanos, e provavelmente grande parte de outros seres vivos, percebemos e interagimos com o mundo qualitativamente. Sentimos dor, frio, medo, fome, prazer, entre outras diversas sensações que acompanham nossa vida consciente. Todo esse conjunto de fenômenos qualitativos (*qualia*) é sentido por cada um de nós de forma essencialmente particular, subjetiva. Até onde sabemos, dado os estudos promovidos pela neurociência, esses fenômenos qualitativos são provocados por processos físicos e objetivos do cérebro. Assim sendo, poderíamos conceber os fenômenos qualitativos como processos físicos? Como poderíamos convertê-los em teoria? Seria possível expressarmos, de modo objetivo, a subjetividade dos seres vivos conscientes? Essas perguntas norteiam grande parte das pesquisas em filosofia da mente.

Um dos filósofos que buscou responder essas questões foi Thomas Nagel (1937-). Nagel é considerado um filósofo de bastante relevância pelos estudiosos da filosofia da mente. Isso se dá, em grande parte, pela sua extensa e importante bibliografia a tratar de temas envolvendo o estudo da consciência. Veremos, durante este estudo, os principais trabalhos de Nagel a tematizar sobre esse assunto. Buscaremos compreender os argumentos que compõem sua proposta teórica, a qual visa defender uma reformulação conceitual e a elaboração de uma teoria suficientemente capaz de explicar a *conexão psicofísica*. Além de apresentar a posição defendida por Nagel, buscarei, durante a última seção do texto, tecer algumas críticas a sua teoria. Buscarei mostrar que o caminho teórico trilhado por Nagel não se mostra um caminho de pesquisa cientificamente promissor.

Subjetividade e ponto de vista

Em 1965, dois anos após concluir seu doutorado em Harvard, Nagel já publicava um texto que se tornou bastante importante para a área, intitulado *Physicalism*. Nesse texto, Nagel explora as dificuldades enfrentadas pelo *fisicalismo* e, divergindo de tal corrente de pensamento, defende a existência de um *eu subjetivo* não passível de identificação com processos cerebrais espacialmente localizados. Afirmar Nagel:

A sensação de que o fisicalismo deixa de considerar a subjetividade essencial dos estados psicológicos é a sensação de que em nenhum lugar na descrição do estado de um corpo humano poderia haver espaço para um equivalente físico do fato de que eu (ou qualquer eu), e não apenas esse corpo, sou o sujeito desses estados. Pelo que posso ver, esta é a origem do meu desconforto em relação ao fisicalismo. (Nagel, 1965, p. 354, tradução minha).

Ou seja, Nagel se posiciona na discussão defendendo a ideia de que os processos físicos passíveis de observação e localização não esgotam tudo o que existe em um *sujeito*, justamente pelo fato de o sujeito de tais processos físicos se constituir enquanto um *eu subjetivo*, o qual escaparia à análise dos processos físicos de um corpo. Em um texto posterior, intitulado *Brain Bisection and the unity of consciousness* (1971), essa ideia é reafirmada por Nagel. Ao analisar estudos desenvolvidos por neurocientistas entre as décadas de cinquenta e sessenta, por meio dos quais alguns pacientes tiveram os hemisférios do cérebro divididos, Nagel reforça a ideia de que o

estudo de processos físicos do cérebro é insuficiente para a construção de um entendimento dos fenômenos mentais:

Recentemente, houve considerável otimismo entre filósofos e neurocientistas quanto à perspectiva de grandes descobertas sobre a base neurofisiológica da mente. O suporte para esse otimismo tem sido extremamente abstrato e geral. Desejo apresentar alguns motivos para o pessimismo. Esse tipo de autoentendimento pode encontrar limites que não foram em geral previstos: a ideia pessoal e mentalista dos seres humanos pode resistir ao tipo de coordenação com uma compreensão dos humanos como sistemas físicos, que seria necessária para gerar algo passível de ser descrito como um entendimento da base física da mente. (Nagel, 1971, p. 396, tradução minha).

O descontentamento de Nagel com propostas reducionistas que desconsideram os fenômenos subjetivos da consciência, a exemplo da proposta fisicalista, foi mais bem expresso pelo autor em 1974, ano de publicação de um dos principais textos de Nagel – e provavelmente um dos mais importantes da filosofia da mente –, intitulado *What Is It Like to Be a Bat?*². No decorrer desse escrito, Nagel argumenta em prol da subjetividade e contrariamente aos programas reducionistas que consideram unicamente fenômenos físicos passíveis de intervenção e análise empírica enquanto *constituintes da realidade*. Segundo Nagel:

Qualquer programa reducionista tem que se basear em uma análise do que deve ser reduzido. Se a análise deixa algo de fora, o problema será colocado erroneamente. É inútil basear a defesa do materialismo em qualquer análise dos fenômenos mentais que não encare explicitamente o seu caráter subjetivo. Não há razão para se supor que uma redução que pareça plausível quando não se tenta explicar a consciência possa ser estendida para incluir a consciência. (Nagel, 2005, p. 248).

Para ilustrar o aspecto subjetivo da consciência, Nagel propõe que imaginemos como é *ser* um morcego. O resultado destacado por Nagel é a impossibilidade de promovermos de maneira adequada tal movimento de imaginação, pois só poderíamos imaginar como é ser um morcego por meio de nossa própria subjetividade, a qual, dada nossa condição enquanto humanos, é evidentemente inadequada para tal empreitada, pois, como ressalta Nagel, não seria possível “[...] nem mesmo imaginando acréscimos à minha experiência presente, nem imaginando segmentos gradualmente subtraídos dela, nem imaginando uma combinação de acréscimos, subtrações e modificações” (Nagel, 2005, p. 248). Ou seja, não há como pressupormos a subjetividade do morcego por meio de outra subjetividade; para saber como é ser um morcego é necessário ser um morcego.

Assim sendo, Nagel argumenta que a subjetividade é um fenômeno *real* que não pode ser ignorado pelas propostas reducionistas. Os fenômenos subjetivos da consciência devem ser preservados e adequados dentro dos modelos teóricos que buscam explicar os fenômenos mentais, pois tais fenômenos são parte da natureza de determinados organismos, a exemplo dos morcegos e dos humanos. Contudo, a inadequação da consciência aos métodos tradicionais de estudo impõe

² O texto *What Is It Like to Be a Bat?* ficou bastante famoso pelo experimento de pensamento trabalhado por Nagel nesse escrito, por meio do qual somos levados a imaginar como seria ser um morcego. Em uma nota de rodapé de um texto posterior, intitulado *The View from Nowhere* (1986), Nagel reconhece que essa abordagem já havia sido trabalhada por outros autores anteriormente, os quais ele não nomina em *What Is It Like to Be a Bat?*: “nunca é tarde demais para um reconhecimento; assim, devo assinalar que, dois anos antes, Timothy Sprigge propusera que a condição essencial da consciência é que deve haver “algo que seria como ser” a criatura em questão (Sprigge, pp.166-8). E em 1950 B.A. Farrell perguntava: “Como seria ser um morcego?”, embora tenha descartado a dificuldade ao optar pelo materialismo. (Quando escrevi, não tinha lido Sprigge e me esquecera de Farrell)” (Nagel, 2004, p. 21).

um grande desafio para as propostas reducionistas como o fisicalismo, por exemplo, pois se é desejado

[...] defender o fisicalismo, deve ser dada uma explicação física dos aspectos fenomênicos. Mas quando examinamos seu caráter subjetivo, parece que tal feito é impossível. A razão é que todo fenômeno subjetivo é essencialmente conectado a um ponto de vista singular e parece inevitável que uma teoria física, objetiva, abandone esse ponto de vista. (Nagel, 2005, p. 250).

A subjetividade da consciência, a qual se conecta a um *ponto de vista singular*, tal qual destacado por Nagel na citação acima, não pode ser ignorada pelos programas reducionistas. Esse *ponto de vista* é entendido por Nagel enquanto parte da vida dos organismos conscientes e, por consequência, da realidade do mundo. Nagel entende que organismos diferentes possuem *tipos de ponto de vista* diferentes, os quais constituem *atos fenomenológicos* [*phenomenological facts*] diferentes. Ou seja, o ser humano, por exemplo, possui um ponto de vista diferente do ponto de vista do morcego e, por consequência, irá perceber e experienciar o mundo de uma forma fenomenologicamente distinta do morcego, algo que inviabiliza a possibilidade de imaginarmos como é ser um morcego. Nagel busca mostrar, com isso, que toda consciência está conectada a um ponto de vista subjetivo e a certos fatos fenomenológicos, o que desafia a possibilidade de imaginarmos um modelo de redução que seja capaz de explicar a consciência de forma objetiva e que, ao mesmo tempo, preserve seu ponto de vista subjetivo associado à sua fenomenologia. Segundo Nagel:

Isto é diretamente relevante para o problema mente/corpo. Se os fatos da experiência – fatos sobre como é para o organismo que tem a experiência – são acessíveis apenas de um ponto de vista, logo, é um mistério como o verdadeiro caráter das experiências poderia ser revelado através das operações físicas do organismo. Este último é, *por excelência*, o domínio dos fatos objetivos, o tipo de fato que pode ser observado e entendido de diversos pontos de vista, e por indivíduos com diferentes sistemas perceptivos. Por si só, este não é um argumento contra a possibilidade da redução. Um cientista marciano com nenhuma compreensão da percepção visual poderia compreender o arco-íris, o raio ou as nuvens como fenômenos físicos, mas ele nunca estaria apto a compreender os conceitos humanos de arco-íris, de raio ou de nuvem, ou o lugar ocupado por essas coisas no nosso mundo fenomênico. (Nagel, 2005, p. 254).

Os exemplo de Nagel, presentes na passagem acima, visam mostrar que, por um lado, há os processos físicos e objetivos que constituem os raios, nuvens e arco íris, e, por outro, a fenomenologia que envolve um ponto de vista pelo qual experienciamos tais processos físicos. Os fatos objetivos poderiam ser capturados por qualquer ser com inteligência suficientemente capaz de entendê-los. Já o ponto de vista humano, fenomenológico e subjetivo de arco-íris, de raio ou de nuvem, o qual é representado na consciência humana por meio de conceitos humanos, não poderia ser entendido por uma criatura com um ponto de vista diferente do nosso, pois ela não possuiria os mesmos conceitos que possuímos.

Percebemos, assim, que Nagel está chamando nossa atenção para o fato de que a experiência subjetiva não pode ser representada de forma *objetiva e universal* por meio de reduções e análises puramente físicas. Se o objetivo é estudarmos e entendermos a consciência, seja humana ou de morcegos, o *ponto de vista* e a subjetividade devem ser considerados, visto que “[...] qualquer deslocamento em direção a uma objetividade maior – isto é, menos vinculada a um ponto de vista específico – não nos leva mais próximo da natureza real do fenômeno: leva-nos para mais longe dela” (Nagel, 2005, p. 256). A consciência, assim, é concebida por Nagel enquanto um ponto de

vista subjetivo que não pode ser descrito da mesma forma com que a ciência tradicional descreve os fenômenos físicos que compõem nossa realidade.

Daí surge a principal discordância de Nagel aos programas reducionistas tal qual o fisicalismo. Nagel entende que as hipóteses fisicalistas são inadequadas pelo fato de assumirem uma equivocada análise objetiva da mente, desconsiderando a subjetividade. Por outro lado, ressalta Nagel,

Se nós admitimos que uma teoria física da mente deve levar em conta o caráter subjetivo da experiência, temos que admitir que nenhuma concepção presentemente disponível nos dá uma pista de como isso poderia ser feito. O problema é único. Se os processos mentais são, de fato, processos físicos, então há algo que, intrinsecamente, é como [*it is like to*] ser submetido a certos processos físicos. Permanece um mistério o que é para tal coisa ser o caso. (Nagel, 2005, p. 257).

Para Nagel, o problema mente-corpo resiste a uma solução pelo fato de não possuímos os conceitos adequados para pensarmos tal relação. Diante disso, ele sugere um caminho investigativo que poderia auxiliar na construção de uma resposta para tal problemática: a busca pelo desenvolvimento de uma *fenomenologia objetiva*.

Uma fenomenologia objetiva

Ao final de seu texto *What Is It Like to Be a Bat?*, de forma bastante rápida e resumida, Nagel introduz uma ideia – a qual se tornou objeto de estudo em alguns de seus escritos posteriores – sobre a possibilidade de pensarmos uma abordagem conceitual objetiva que captura-se os aspectos fenomenológicos da consciência, sem a necessidade de adotar um ponto de vista subjetivo. De acordo com Nagel,

Presentemente, nós estamos completamente desprovidos de meios para pensar a respeito do caráter subjetivo da experiência sem apoiarmo-nos na imaginação – sem adotar o ponto de vista do sujeito que experimenta. Isso deve ser considerado como um desafio para se formar novos conceitos e arquitetar um novo método – uma fenomenologia objetiva que não dependesse de empatia ou da imaginação. Embora, presumivelmente, isso não captaria tudo, sua finalidade seria a de descrever, ao menos em parte, o caráter subjetivo das experiências, de uma forma compreensível a seres incapazes de ter aquelas experiências. (Nagel, 2005, p. 261).

Ou seja, Nagel supõe que certo aprimoramento em nosso aparato conceitual poderia tornar possível, ao menos em parte, um entendimento objetivo acerca de fenômenos subjetivos, de tal modo que não haveria a necessidade de adotar, com base na imaginação, o ponto de vista do organismo ou sujeito da experiência em questão. Em um texto posterior, intitulado *The Limits of Objectivity* (1980), Nagel apresenta de forma mais detalhada o que caracterizaria um conceito objetivo de mente:

O início de um conceito objetivo de mente é a capacidade de visualizar suas próprias experiências de fora, como eventos no mundo. Se isso é possível, então outros também podem conceber esses eventos e um pode conceber as experiências dos outros, também de fora. Qualquer experiência pode ser pensada e conhecida como tendo ocorrido não apenas do ponto de vista de seu sujeito, mas de outros pontos de vista, pelo menos se forem suficientemente semelhantes para aquela do sujeito. (Nagel, 1980, p. 85, tradução minha).

O desenvolvimento de um conceito objetivo de mente pressupõe, conforme afirma Nagel na passagem acima, a necessidade de externalizar e tornar público os fenômenos da consciência de modo que não se mostrem vinculados a um ponto de vista específico, podendo ser, assim, entendidos e compartilhados pelos demais sujeitos. Para Nagel, pelo menos em parte, isso parece ser possível. Ele defende que é provável que exista uma noção de objetividade que se aplique a *eu* e às qualidades fenomenológicas, bem como a outras categorias mentais.

Em sua obra *The View From Nowhere* (1986), ao discorrer sobre o conceito de *identidade pessoal*, Nagel afirma que poderíamos estar enganados com respeito à nossa própria identidade pessoal ou sobre a qualidade fenomenológica de uma experiência; “[...] posso ter a falsa ideia de que certa coisa que saboreio hoje tem para mim o mesmo sabor que tinha ontem; posso pensar que sou alguém que não sou” (Nagel, 2004, p. 56). Diante disso, Nagel conclui: “nesse âmbito, como em outros, há uma distinção entre aparência e realidade. Somente a objetividade subjacente a essa distinção deve ser entendida como objetividade sobre algo subjetivo – objetividade mental, não física” (Nagel, 2004, p. 56).

Ou seja, Nagel acredita que há aspectos da subjetividade que podem ser capturados e descritos por meio de conceitos objetivos. Ele não explicita exatamente quais seriam esses aspectos, mas ressalta que uma fenomenologia objetiva não conseguiria capturar por completo a subjetividade dos seres vivos. Porém, mesmo que capturando tais fenômenos de forma parcial, o autor defende que os conceitos produzidos por tal fenomenologia seriam úteis para a construção de uma visão de mundo mais completa – ou menos incompleta:

Ainda assim, mesmo que o conhecimento objetivo seja apenas parcial, vale a pena tentar ampliá-lo, por uma razão simples. A busca de um entendimento objetivo da realidade é a única maneira de expandir nosso conhecimento do que existe para além da aparência que ela tem para nós. Mesmo que tenhamos de reconhecer a realidade de coisas que não podemos apreender objetivamente, bem como a subjetividade inelutável de alguns aspectos de nossa própria experiência que só podemos apreender subjetivamente, a busca de um conceito objetivo de mente faz parte da busca geral de conhecimento. Desistir de buscá-lo porque não pode ser completo seria o mesmo que desistir de formular axiomas matemáticos porque não podem ser completos. (Nagel, 2004, pp. 39-40).

Para Nagel, a ciência deve buscar por uma descrição de mundo objetiva que não desconsidere os fenômenos subjetivos da consciência. A subjetividade “[...] deve ocupar um lugar tão fundamental quanto a matéria, a energia, o espaço, o tempo e os números em qualquer visão de mundo digna de crédito” (Nagel, 2004, p. 09). De acordo com o autor, uma fenomenologia objetiva promovida por meio da formulação de um conceito objetivo de mente auxiliaria na construção de uma visão de mundo mais completa, mesmo não sendo capaz de descrever por completo os fenômenos subjetivos da consciência. Para tanto, buscando preservar a subjetividade enquanto parte da realidade e visando uma abordagem conceitual adequada para explicá-la, Nagel adota uma versão da *teoria do aspecto dual*³: “a aparente intimidade da relação entre o mental e suas condições físicas, e também ao contínuo apego à metafísica da substância e do atributo, fazem com que eu me incline para um tipo de teoria do aspecto dual” (Nagel, 2004, p. 46).

³ Em uma nota de rodapé, Nagel cita alguns autores adeptos a alguma versão da teoria do aspecto dual: “embora nem sempre seja claro o que se deve considerar uma teoria do aspecto dual, vários filósofos contemporâneos têm sustentado versões dessa visão, entre eles Strawson, Hampshire, Davidson e O’Shaughnessy” (Nagel, 2004, p. 46). Nagel, mesmo que adepto à tal visão, ressalta que a teoria do aspecto dual também nos impõe certas dificuldades, as quais, em parte, decorrem do fato de não termos clareza sobre como os fenômenos mentais podem resultar de propriedades físicas e materiais: “uma consequência inquietante de tal teoria é que ela parece levar a uma forma de pan-psiquismo [...]” (Nagel, 2004, p. 79).

Uma versão da *teoria do aspecto dual*

Em uma passagem da obra *Em What does it All Mean? – A Very Short Introduction to Philosophy* (1987), Nagel expõe a ideia básica da teoria do aspecto dual: “a concepção de que o cérebro é a sede da consciência, mas que seus estados conscientes não são meros estados físicos, é chamada de teoria do aspecto dual” (Nagel, 2007, p.34). Em *The View From Nowhere*, Nagel já havia introduzido, por meio de uma analogia com um tigre, a ideia básica sustentada pela teoria do aspecto dual. Vejamos o exemplo oferecido pelo autor:

Vamos supor, como parece inevitável, que, de acordo com a teoria do aspecto dual, tanto as propriedades mentais quanto as físicas de um evento mental sejam propriedades essenciais dele – propriedades que não poderiam lhe faltar. Pode uma coisa ter duas propriedades essenciais distintas que não estejam necessariamente vinculadas entre si? Isso parece possível se as duas propriedades são aspectos diferentes de uma mesma essência. Por exemplo, um tigre é essencialmente um mamífero e também um carnívoro, mas essas duas propriedades nem sempre estão vinculadas. Estão associadas no caso do tigre porque ambas são partes da natureza essencial da sua espécie - um tipo particular de mamífero que só pode viver de certos tipos de alimento e que tem outras características essenciais também. (Nagel, 2004, p. 76).

Ou seja, a ideia é a de que um evento mental possuiria um aspecto físico, por um lado, e um aspecto mental, por outro. Ambos os aspectos, apesar de distintos, seriam parte de uma mesma essência, tal qual ser mamífero e ser carnívoro são parte da natureza essencial de um tigre. Haveria, assim, algo mais básico e fundamental responsável por vincular os aspectos da relação psicofísica. Sobre o vínculo entre os aspectos mental e físico, Nagel afirma que em um mundo racionalmente projetado “[...] as propriedades mentais no mínimo sobreviriam às físicas – um tipo particular de processo físico seria uma condição suficiente, mas não inevitavelmente necessária, de um tipo particular de processo mental” (Nagel, 2004, p. 77). Em outras palavras, um processo mental poderia ser causado por mais de um tipo de processo físico, o que torna a relação contingente. Por outro lado, Nagel afirma que também poderia haver ligações necessárias ocorrendo nas duas direções: “[...] certos processos físicos poderiam ser ao mesmo tempo necessários e suficientes para o que eu chamo de sabor de chocolate” (Nagel, 2004, p. 77). Esse caráter de necessidade entre fenômenos físicos e mentais não compromete, de acordo com Nagel, o caráter de irredutibilidade dos fenômenos subjetivos da consciência:

Por que é que admitir a possibilidade de ligações necessárias entre o físico e o mental não entra em conflito com minha afirmação *a priori* de que o mental não pode ser reduzido ao físico, nem analisado em termos físicos? [...] A resposta é que a redução psicofísica requer uma ligação necessária mais direta que a vislumbrada aqui. Em primeiro lugar, se os aspectos mentais e físicos de um processo são manifestações de algo mais fundamental, o mental não precisa acarretar o físico, nem o contrário, mesmo que ambos sejam acarretados por esse outro algo. Mais interessante é o caso em que a única base possível de determinado processo mental é algo que também tem propriedades físicas específicas – e vice-versa. Existe, então, uma identidade necessária entre o processo mental e o físico, mas não é o tipo de identidade certa para fundamentar a tradicional redução psicofísica, pois ela se dá pelo elo intermediário de um termo mais básico - nem mental, nem físico -, do qual não temos nenhuma concepção. (Nagel, 2004, pp. 77-78).

Ou seja, Nagel entende que a possível relação de necessidade entre o físico e o mental não condiciona a redução do mental ao físico, visto que ambos estariam vinculados por intermédio de

algo mais fundamental, o qual não poderia ser descrito como mental ou físico. Essa possível relação necessária da conexão psicofísica foi sustentada por Nagel em seus escritos posteriores.

Em *Conceiving the Impossible and the Mind-Body Problem* (1998), Nagel sugere que busquemos por uma solução para o problema mente-corpo que “[...] considere os pontos de vista conscientes como logicamente irreduzíveis, mas ainda assim *necessariamente conectados* com as propriedades físicas dos organismos cujos pontos de vista eles representam” (Nagel, 1998, p. 338, tradução minha, *itálico* meu). Em *The Psychophysical Nexus* (2000), Nagel se pergunta sobre como poderia um ponto de vista subjetivo de um indivíduo ser também um evento fisiologicamente descritível no cérebro. A conclusão de Nagel é que tal relação não poderia ser de outra forma, pois ambos os aspectos existem e estão vinculados por meio de uma *conexão de natureza necessária*:

Eu acredito que, de fato, você não pode ter um sem o outro, e além disso, que a poderosa intuição de que é concebível que um organismo físico humano intacto e funcionando normalmente poderia ser um zumbi completamente inconsciente é uma ilusão – devido às limitações de nossa compreensão. (Nagel, 2000, p. 444, tradução minha).

The Psychophysical Nexus é um texto no qual Nagel se detém a analisar de modo bastante detalhado as dificuldades que envolvem a relação psicofísica e que, por consequência, impedem a construção de uma solução para o problema mente-corpo. Durante o texto, Nagel defende a ideia de que há uma conexão necessária na relação psicofísica; um cérebro em pleno funcionamento deve possuir, *necessariamente*, aspectos físicos e mentais, o que tornaria a imagem de um zumbi uma mera ilusão⁴. Essa conexão necessária só não se mostra inteligível para nós pelo fato de que, “atualmente, não possuímos o equipamento conceitual para entender como características subjetivas e físicas podem ser aspectos essenciais de uma única entidade ou processo” (Nagel, 2000, p. 444, tradução minha).

A ausência de uma abordagem conceitual correta para entendermos tal relação é apontada por Nagel enquanto o obstáculo que impede de avançarmos nos estudos sobre o problema mente-corpo, pois, segundo ele, o avanço científico se dá justamente por meio de mudanças conceituais, as quais “[...] permitem que uma ordem observada empiricamente, inicialmente parecendo contingente, seja compreendida em um nível mais profundo como necessária, no sentido de ser decorrente da verdadeira natureza dos fenômenos” (Nagel, 2000, pp. 444-445, tradução minha). Isso é reafirmado por Nagel em um texto posterior, intitulado *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False* (2012), ao dizer que suspeita que “[...] a aparência de contingência na relação entre mente e cérebro é provavelmente uma ilusão, e que, na verdade, trata-se de uma conexão necessária, porém não conceitual, ocultada de nós pela inadequação de nossos conceitos atuais” (Nagel, 2012, pp. 41-42, tradução minha).

Percebemos, assim, que Nagel entende haver uma clara dependência dos fenômenos mentais para os fenômenos físicos, mas que ainda não possuímos o aparato conceitual necessário para explicar isso. De acordo com Nagel, “se o físico torna necessário o mental, deve haver alguma resposta para a questão de como isso acontece. Uma conexão obviamente sistemática que permanece incompreensível para nós clama por uma teoria” (Nagel, 2000, p. 445, tradução minha).

A dificuldade de elaborarmos uma teoria a esses moldes, ao que parece, se dá pelo fato de os fenômenos mentais não serem conceitualmente passíveis de redução ao físico e, ao mesmo tempo, estarem evidentemente conectados aos processos físicos – o caráter de *evidência* seria

⁴ Esse caráter de necessidade, defendido por Nagel, excluiria a possibilidade hipotética de um mundo zumbi, tal qual pensado por David Chalmers, no qual existiriam seres vivos com cérebros desprovidos de consciência.

resultado de constatações empíricas no plano da causalidade. Para Nagel, os conceitos que dispomos hoje, os quais tematizam ou sobre fenômenos físicos ou sobre fenômenos mentais, falham em capturar a natureza da relação psicofísica. Nagel acredita que o desenvolvimento conceitual necessário para revelar a conexão necessária subjacente “[...] é de um tipo radical e cientificamente sem precedentes, porque esses dois tipos de conceitos, tal como se apresentam agora, ainda não estão abertos à possibilidade de que aquilo a que se referem deva ter uma natureza verdadeira do outro tipo.” (Nagel, 2000, p. 446, tradução minha). Em outras palavras, Nagel entende que os fenômenos físicos, por um lado, são passíveis de um tipo de análise, a qual está aberta à experimentação científica. Já os fenômenos mentais, por outro lado, não podem ser submetidos a tais experimentos, restringindo-se a seus componentes mentais. Logo, os caminhos de análise não se encontram e, conseqüentemente, torna-se impossível pensar tais conceitos de forma unificada.

Sobre essa dificuldade, Nagel argumenta que a aparente impossibilidade de conectarmos um conceito físico com um conceito mental, dado que os fenômenos são compreendidos por conceitos tão distintos, “[...] pode esconder uma conexão necessária mais profunda que ainda não é conceitual porque não é acessível a nós por meio de nossas formas de pensamento atuais (Nagel, 1998, p. 345, tradução minha)”. Em *The Psychophysical Nexus*, Nagel tece alguns comentários sobre o caminho que deveríamos explorar para pensar um novo conceito capaz de capturar a conexão necessária que subjaz aos fenômenos físicos e mentais:

A ideia seria, então, que há um único evento ao qual posso me referir de duas maneiras, ambas por meio de conceitos que se aplicam a ele de maneira não contingente. Um é o conceito mental que sou capaz de adquirir em aplicações de primeira e terceira pessoa porque sou sujeito desse estado, que tem o caráter especial de consciência e acessibilidade introspectiva – o estado de degustar um charuto. O outro é um conceito fisiológico (ainda não especificado) que descreve o estado físico relevante do cérebro. Para admitir a possibilidade de uma conexão necessária aqui, teríamos que reconhecer que o conceito mental, conforme opera atualmente, não diz nada sobre as condições fisiológicas para sua própria operação, e então abrir o conceito para ampliação, deixando um lugar para tal condição – um lugar que só pode ser preenchido a posteriori, por uma teoria do tipo real de evento que admite esses dois tipos de acesso, interno e externo, de dentro e de fora. Mas essa descrição da tarefa não nos diz nada sobre como realizá-la. (Nagel, 2000, p. 457, tradução minha).

Ou seja, Nagel está defendendo a ideia de que nossos conceitos atuais são insuficientes para capturar a conexão psicofísica pelo fato de se restringirem unicamente a um lado da relação. Por um lado, temos o conceito fisiológico que deixa de fora o aspecto subjetivo da consciência; por outro, temos um conceito de mente que não revela em momento algum as condições fisiológicas subjacentes à sua própria realização. A sugestão de Nagel é que busquemos por ampliar o conceito de mente de modo a alocar em seu interior a explicação acerca das condições fisiológicas que subjazem ao aspecto fenomenológico do evento mental. Se conseguíssemos alcançar tal êxito, teríamos meios para formular uma teoria capaz de tornar “[...] transparente a relação entre o mental e o físico, não diretamente, mas através da transparência de sua relação comum a algo que não é meramente um deles” (Nagel, 2000, p. 457, tradução minha). De acordo com Nagel, o *ponto de vista* de tal teoria seria aquele que, contrariamente às possibilidades conceituais que dispomos atualmente,

[...] incluísse tanto a subjetividade quanto a estrutura espaço-temporal desde o início, todas as suas descrições, implicando ambas as coisas de uma só vez, então isso descreveria estados internos e suas relações funcionais com o comportamento e entre si a partir da

perspectiva fenomenológica interna e da perspectiva fisiológica externa simultaneamente – não em paralelo. Os conceitos mentais e fisiológicos e sua referência a esse mesmo fenômeno interno seriam então vistos como secundários, e cada um parcial em sua compreensão do fenômeno: cada um seria visto como referindo-se a algo que se estende além de suas bases de aplicação. (Nagel, 2000, pp. 457-458, tradução minha).

Para tanto, Nagel acredita que tal teoria seria resultado de um conceito genuinamente novo, e não uma simples conjunção do mental e do físico, pois, se assim o fosse, tal conceito não possuiria a unidade necessária. Segundo Nagel, tal teoria precisaria ser verdadeiramente geral e se pautar em leis reais, suficientemente capaz de explicar “[...] tanto as características fenomenológicas observáveis familiarmente quanto às características fisiológicas desses eventos internos” (Nagel, 2000, p. 458). Para o autor, possíveis correlações observadas entre variáveis fenomenológicas e variáveis fisiológicas não deveriam ser observadas enquanto uma forma de relação causal, e sim que “[...] existe um terceiro termo que implica ambos, mas que não é definido como a simples conjunção dos outros dois” (Nagel, 2000, p. 458). Ou seja, seria um terceiro tipo de variável, responsável não por causar as outras duas, mas por constituí-las. Essa terceira variável deveria compreender a totalidade do evento; “teria que ser um X tal que o fato de X ser uma sensação e o fato de X ser um estado cerebral derivem da natureza de X em si, independentemente de sua relação com qualquer outra coisa” (Nagel, 2000, p. 458).

Para Nagel, mesmo que se mostre impossível observar uma conexão explicativa direta e transparente entre o âmbito fisiológico e o âmbito fenomenológico, e sim apenas uma correção extensional passível de ser estabelecida empiricamente, ainda assim deveríamos, enquanto parte de uma teoria científica da mente, tentar formar uma terceira concepção que “[...] tenha conexões necessárias diretas e transparentes tanto com o mental quanto com o físico, e por meio da qual sua conexão necessária real com um e com o outro possa se tornar transparente para nós” (Nagel, 2000, p. 458).

Nagel compreende as dificuldades que envolvem o desenvolvimento de tal teoria, porém demonstra certo otimismo quanto à possibilidade de a humanidade progredir cientificamente e desenvolver uma nova forma de pensar o problema, cuja abordagem conceitual tornaria transparente a conexão necessária que deve existir entre o mental e o físico. Segundo Nagel, “a razão para buscar uma teoria composicional desse tipo é que parece ser uma possível e talvez a única maneira de dar conteúdo à ideia de uma conexão necessária entre o fisiológico e o mental” (Nagel, 2000, pp. 464, tradução minha). Nagel entende que, “atualmente, uma solução para o problema mente-corpo como essa é literalmente inimaginável, mas pode não ser impossível” (Nagel, 1998, p. 352, tradução minha). Em *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False*, Nagel, em analogia ao progresso científico de outras áreas da ciência, afirma que, em relação ao problema mente-corpo, devemos esperar que o progresso teórico nessa área implique em uma revolução conceitual significativa “[...] pelo menos tão radical quanto a teoria da relatividade, a introdução de campos eletromagnéticos na física – ou a revolução científica original em si [...]” (Nagel, 2012, p. 42, tradução minha).

Algumas considerações sobre os argumentos de Nagel

Entendo que a visão de Nagel acerca do problema mente-corpo se baseia em duas premissas fundamentais: 1) deve haver uma fenomenologia objetiva suficientemente capaz de “capturar” os fenômenos subjetivos da consciência e 2) deve haver uma conexão necessária entre os fenômenos subjetivos da consciência e os processos objetivos do cérebro. Acredito que ambas as premissas

são insustentáveis e resultam de um mesmo equívoco: pensar a consciência subjetiva enquanto algo distinto dos processos físicos do cérebro.

Quando Nagel afirma que deve haver uma *conexão necessária* responsável por estabelecer a relação psicofísica, entendo que ele se compromete com a ideia de que os fenômenos conscientes subjetivos e os processos cerebrais objetivos não podem ser descritos como parte de um mesmo “plano de realidade”, mesmo tomando-os como vinculados a uma essência mais fundamental; a *realidade fenomenológica subjetiva* e a *realidade física objetiva* estariam conectadas necessariamente a mesma essência, mas ambos os aspectos *existiriam de formas distintas*. Ou seja, mesmo tomando-os como constituintes de uma essência mais fundamental, o aspecto físico e o aspecto mental de um processo consciente subjetivo seriam distintos, visto que um poderia ser explicado em termos físicos objetivos e o outro, não. Daí resultaria a necessidade de ser desenvolvida uma *fenomenologia objetiva* para adequar os fenômenos conscientes subjetivos a descrições objetivas de terceira pessoa.

Essa dificuldade teórica resulta da ideia de que há uma *conexão psicofísica*; a ideia de que existe algo mais fundamental que atua como uma espécie de *elo*, o qual conecta os aspectos físico e mental dos processos cerebrais subjetivos. Essa ideia é um dos caminhos para o dualismo, um caminho que não se mostra seguro em termos científicos. Acredito que, ao buscarmos por explicações científicas para a consciência, devemos trilhar justamente o oposto do caminho trilhado por Nagel. Penso que a consciência não deve ser concebida enquanto algo distinto que está conectado de algum modo aos processos físicos do cérebro, mas sim algo que dele faz parte e que nele se encontra distribuído.

Vários filósofos que concebem a subjetividade dos fenômenos conscientes enquanto parte da realidade procuram se afastar de visões semelhantes a de Nagel e, de diferentes modos, buscam sustentar os fenômenos subjetivos enquanto características físicas do cérebro. Como exemplos, citarei dois deles.

O primeiro é o filósofo John Rogers Searle (1932-). Ao defender a subjetividade enquanto uma propriedade emergente do cérebro, em *The Rediscovery of the Mind* (1992), Searle se mostra crítico à ideia de que há um *elo* ou uma *conexão psicofísica*:

A consciência não é uma “coisa”, é uma *característica ou propriedade do cérebro* no sentido em que, por exemplo, a liquidez é uma característica da água. [...] Não há nenhum “elo” entre a consciência e o cérebro, assim como não há nenhum elo entre a liquidez da água e as moléculas de H₂O. (Searle, 1997, p. 155).

Peter Godfrey-Smith (1965-) é outro exemplo. O filósofo dedicou grande parte de suas pesquisas na busca por entender a evolução dos organismos e a forma com a qual ocorreu o desenvolvimento da consciência. Em *Metazoa: Animal Life and the Birth of the Mind* (2020), o autor defende que os fenômenos qualitativos da consciência (*qualia*) não podem ser entendidos enquanto algo adicional ou distinto das características físicas do cérebro, mas sim enquanto parte do sistema físico dos seres vivos:

Os *qualia* não são algo adicional que carece de explicação, como se de algum modo fossem gerados pelo funcionamento do sistema físico. Em vez disso, eles fazem parte do que consiste em *ser* o sistema descrito. A experiência é o ponto de vista em primeira pessoa de um sistema de vida complexo de um determinado tipo, e não algo que é gerado pelo funcionamento desse sistema. (Godfrey-Smith, 2022, p. 118).

Apresento as propostas de Searle e Godfrey-Smith não como soluções já estabelecidas para o problema, mas sim para mostrar que é possível pensarmos em alternativas teóricas que

concebiam a subjetividade dos fenômenos mentais em termos físicos. Penso ser este o caminho mais promissor. Em outras palavras, entendo que a abordagem de Nagel se mostra equivocada e acaba por despertar conclusões igualmente equivocadas, a exemplo da esperança de desenvolvermos uma *fenomenologia objetiva*, algo que entendo ser contraditório com o próprio conceito de *fenomenologia*. O entendimento de Nagel de que há uma *conexão* entre estados mentais e estados cerebrais, os quais se constituem enquanto dois aspectos distintos de uma mesma essência, acaba por gerar uma *lacuna ontológica* entre ambos os aspectos, no sentido de que um aspecto pode ser entendido enquanto uma realidade física, mas o outro, não. Essa forma de conceber o problema não se mostra uma proposta de pesquisa promissora na busca por uma solução, mas sim um caminho que nos levaria a uma única conclusão: a relação mente-corpo sempre será um *mistério*.

Referências

- GODFREY-SMITH, Peter. *Metazoa: A Vida Animal e o Despertar da Mente*. São Paulo, SP: Todavia, 2022.
- NAGEL, Thomas. *Physicalism*. The Philosophical Review, vol. 74, n. 3, 1965, pp. 339-356.
- NAGEL, Thomas. *Brain Bisection and the Unity of Consciousness*. Synthese, vol. 22, Issue 3-4, may, 1971, pp. 396-413.
- NAGEL, Thomas. *The Limits of Objectivity*. In: Sterling M. McMurrin (Ed.). The Tanner Lectures on Human Values, University of Utah Press, vol. 1, 1980, pp. 75-139.
- NAGEL, Thomas. *Conceiving the Impossible and the Mind-Body Problem*. Philosophy, vol. 73, no. 285, 1998, pp. 337-352.
- NAGEL, Thomas. *The Psychophysical Nexus*. In: Paul Boghossian and Christopher Peacocke (Eds.). New essays on the a priori, Oxford: Clarendon Press, 2000, pp. 432-471.
- NAGEL, Thomas. *Visão a Partir de Lugar Nenhum*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.
- NAGEL, Thomas. *Como é Ser um Morcego?*. Tradução de Paulo Abrantes e Juliana Orione. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Campinas, Série 3, vol. 15, n. 1, 2005, pp. 245-262.
- NAGEL, Thomas. *Uma Breve Introdução À Filosofia*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2.ed, 2007.
- NAGEL, Thomas. *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False*. New York, NY: Oxford University Press, 2012.
- SEARLE, J. R. *A Redescoberta da Mente*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Andre Renan Batistella Noara. andre_noara@hotmail.com